

THAINA PEREIRA DE ASSIS



A ARTE EM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA:
A FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO COMO UMA POSSIBILIDADE
DE INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.
Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

THAINA PEREIRA DE ASSIS

A ARTE EM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA:
A FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO COMO UMA POSSIBILIDADE
DE INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL.

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Maurilio Andrade Rocha

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Assis, Thaina Pereira de, 1988 – A Arte em diálogo com a História: A fotografia de Sebastião Salgado como uma possibilidade de interdisciplinaridade na Educação Fundamental: Especialização em Ensino de Artes Visuais/ Thaina Pereira de Assis. – 2013.

37 f.

Orientador: Maurilio Andrade Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Maurílio Andrade. II.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A ARTE EM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA: A FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO, COMO UMA POSSIBILIDADE DE INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL*, de autoria de Thaina Pereira de Assis, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Maurilio Andrade Rocha - Orientador

Prof. Lincoln Volpini Spolaor

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha

Coordenador do CEEAV

PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos a Deus, ao meu orientador Maurílio Andrade Rocha e a tutora Juliana Mafra, que me orientaram com tanta dedicação. Aos meus pais, Neusinha, Lucas Cândido, familiares e amigos pela compreensão, auxílio e carinho durante todo este tempo.

RESUMO

RESUMO: Este trabalho apresenta uma prática educacional realizada com educandos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada em um aglomerado na cidade de Sabará. Tal prática buscou no diálogo entre as disciplinas de Arte e História uma maneira de contribuir para uma formação de melhor qualidade aos alunos citados acima. Como vertente da Arte Visual, optamos pela fotografia a partir do trabalho de Sebastião Salgado, onde buscamos entender na História, o período de redemocratização do Brasil. O projeto apresenta a Arte, o período histórico e o trabalho de Salgado. Como culminância os educandos produziram suas próprias fotografias tentando demonstrar sua comunidade local.

PALAVRAS CHAVE: Interdisciplinaridade, História, Arte e Fotografia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – The Serra Pelada Gold Mine.....	32
Figura 2 – Serra Pelada, Mina de Ouro	32
Figura 3 – Briga entre trabalhador e policial militar na mina de Serra Pelada.....	33
Figura 4 – Série Trabalhadores	33
Figura 5 – Série Trabalhadores	34
Figura 6 – Caminhos 1.....	34
Figura 7 – A “vista”.....	35
Figura 8 – Cidade x aglomerado.....	35
Figura 9 – Nos muros da educação	36
Figura 10 – Caminhos 2.....	36
Figura 11 – Caminhos 3.....	37

SUMÁRIO

Introdução	09
1. A Arte e a História: uma proposta interdisciplinar para uma educação cultural	12
2. A obra de Sebastião Salgado	16
2.1. A prática de ensino	18
3. Educação pela arte: uma possibilidade de auxílio na construção da cidadania.....	24
4. Considerações finais.....	27
5. Referências.....	29
6. Anexos	32

INTRODUÇÃO

No ensino de Arte no Brasil, vários métodos foram adotados com diferentes intenções educacionais, políticas, culturais, sociais e econômicas. Atualmente percebemos rupturas e permanências deste passado, que de certa maneira muito contribuiu para as discussões, pesquisas e práticas dos nossos tempos.

Nesta trajetória histórica, o ensino de Arte deixa de pertencer somente à classe dominante ou de estilos e técnicas vindas de fora do nosso país. A Arte alcança as classes mais baixas por legitimar as produções artísticas, técnicas e estilos destes, ou seja, os excluídos ganham voz com sua Arte e em meio à Arte. Parte desse processo pode ser percebido pelo fato do ensino desta disciplina se tornar obrigatório na educação básica, em todas as escolas públicas e privadas, desde 1996 com a lei 9.394:

“(...) revogam-se as disposições anteriores e a Arte é considerada obrigatória na educação básica: O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26, §2o).(PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1996, p. 24)

Desta maneira, o ensino de Artes alcança com maior propriedade nossos educandos de diferentes contextos sociais, culturais e econômicos. Como sugere os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação em Arte,

“(...) propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1996, p. 15)

Na perspectiva de ANDRADE (2006), “o experimento do fazer artístico, em geral, pode proporcionar aos educandos possibilidades de curiosidade acerca de suas realidades culturais numa constante confrontação com o mundo que os cerca.” Ainda segundo o mesmo, “a possibilidade de aproximação entre a arte e a realidade de nossos alunos pode proporcionar um estímulo de investigação capaz de tornar as expressões artísticas bem mais próximas da observação e percepção desses educandos”.

É nesta busca de despertar no educando tais estímulos que o presente trabalho propõe uma abordagem interdisciplinar, como uma *“ação de transposição do saber posto na exterioridade para as estruturas internas do indivíduo, constituindo o conhecimento do indivíduo”*. (PINHEIRO, 2002).

Para tal intento desenvolvi a proposta em uma escola pública do Estado de Minas Gerais, onde busquei na Arte fotográfica de Sebastião Salgado o diálogo com os acontecimentos históricos do Brasil da década de 1980. Reconhecido mundialmente por seu trabalho com a arte-política, Salgado busca modificar aqueles que têm acesso à sua obra. Numa tentativa de maior compreensão da matéria de democratização do Brasil, buscamos na união com a Arte uma maior assimilação, postura crítica e política do passado da nação.

Nos próximos capítulos apresentarei uma experiência de ensino utilizando as fotografias de Sebastião Salgado extraída da série “Trabalhadores” (1996), realizada na Serra Pelada, localizada no estado do Pará. Discutirei tal experiência analisando o envolvimento e a avaliação dos educandos, as possibilidades educacionais e culturais que a Arte pode proporcionar enquanto ferramenta didática, assim como os diferentes diálogos que surgiram entre Arte, História e educando.

Desta maneira esta análise estará estruturada em três capítulos, da seguinte forma: no primeiro capítulo tratará da minha experiência como docente e como a especialização dialogou com esta prática. O segundo capítulo descreverá a experiência desta prática, ou seja, o uso da fotografia de Sebastião Salgado na aula de História. Já o terceiro capítulo irá apresentar a análise da experiência vivenciada na docência juntamente com o curso e sua conclusão.

1. A ARTE E A HISTÓRIA: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA EDUCAÇÃO CULTURAL.

No mundo globalizado em que estamos inseridos percebemos diversas vertentes das Artes Visuais. Porém, também percebemos que esta diversidade nem sempre é de fácil acesso ou de interesse dos sujeitos, sendo acessíveis em algumas ocasiões apenas para alguns pequenos grupos. Poucas são as crianças e adolescentes que buscam para si acesso ou informação sobre Arte. Desta maneira percebemos o quanto a escola, enquanto fomentadora de saberes e culturas, pode e deve auxiliar neste diálogo ainda pouco consolidado em nosso tempo.

Nesta busca de proporcionar aos educandos maior acesso à cultura e reflexões artísticas, procurei, através da interdisciplinaridade, conciliar minha formação com o ensino através e com a Arte, ao acreditar que a mesma tem um grande potencial de alcançar nossos educandos.

Tal alcance procura nesta interdisciplinaridade não somente a compreensão e a assimilação do conteúdo da disciplina de História, mas também:

“Ampliar a contextualização frente a arte e aprimorar as percepções de nossos educandos proporcionam, concomitantemente, a formação de indivíduos com maiores possibilidades de decisão frente às diversas ações necessárias para a construção de sociedades mais participativas.” (ANDRADE 2006 p. 45)

O uso de imagens no ensino de História vem sendo discutido nos últimos tempos para se estabelecer maior diálogo entre o educando e o conhecimento. A presença de reproduções de obras de Arte nos livros didáticos já realiza o primeiro contato do educando, quando ela é discutida enquanto Arte.

Na busca da utilização da Arte em sala de aula através da a interdisciplinaridade, tive a oportunidade de cursar a pós-graduação em Ensino em Artes Visuais, oferecida pela Universidade Federal de Minas Gerais, modalidade à distância. A mesma ampliou minha perspectiva sobre o ensino da Arte, o que contribuiu na minha formação e prática em sala de aula.

O curso em modalidade à distância possibilita a nós, professores, maiores possibilidades, uma vez que podemos programar nosso tempo de estudo e dedicação ao curso. Os encontros presenciais são momentos de trocar experiências com colegas e tutores, num esforço comum em melhorar a prática em sala de aula e nossa formação enquanto cidadãos.

Enquanto parte do grupo discente pude praticar, debater e questionar sobre este ensino da Arte, suas rupturas e permanências na minha prática profissional no aglomerado já mencionado anteriormente. A mesma é pouco estimulada nas vidas dos alunos dentro e fora da escola. Além disso, quando alguma vertente da Arte está inserida em sua vida, ela não é reconhecida, percebida e nem legitimada como tal.

Para quebrar a barreira imposta por diferentes fenômenos na vida destes educandos e pelos conhecimentos adquiridos com a formação na pós-graduação, utilizo da fotografia para realizar os diálogos entre Arte e História, Arte e educando, Arte e conhecimento, uma vez que:

“A fotografia – arte que capta o tempo – fixa as imagens, diz o real e traz inevitavelmente o olhar de seu criador, revelando seus valores, suas idéias, suas identidades, enfim, seus anseios e seus projetos de futuro. Sendo o objeto fotografado fruto de uma produção social orientada pelo olhar do fotógrafo, revela também a memória de um passado, seja ele coletivo ou individual, contribuindo assim com a construção do futuro ao intervir silenciosamente no presente.”
(CRUZ, 2006. p 18)

A Arte como uma expressão do potencial criativo do ser humano é capaz de transmitir experiências e visões de mundo, despertar emoções, expressar verdades humanas e reflexões sobre o homem e o planeta de uma maneira que as palavras não conseguem atingir. Nesta perspectiva, a fotografia como uma vertente das Artes Visuais tem a característica de retratar momentos a partir das técnicas e do olhar de um fotógrafo e registra na foto seu modo original de ver tudo que o rodeia.

O processo fotográfico iniciou seu desenvolvimento a partir de 1839, com os franceses Joseph Nicéphore Niépce, Louis Jacques Mandé Daguerre e com o inglês William Henry Fox Talbot. Suas pesquisas fizeram com que a fotografia passasse por grandes avanços tecnológicos. No início o uso da imagem fotográfica estava mais presente entre os estudiosos e cientistas, mas tal realidade se alterou com a Revolução Industrial, quando o avanço das pesquisas levou à popularização do uso das máquinas fotográficas. (COELHO, 2008, p.23)

Diante de tais avanços tecnológicos e científicos, podemos perceber a imersão da imagem fotográfica não só nas pesquisas, mas também como um meio de registro das massas, como um meio de Arte, informação e comunicação. Para Cruz, a fotografia é a “maior forma de expressão”, pois;

“Não é apenas o congelamento de uma determinada cena. É, em si mesma, um fragmento de um acontecimento que foi percebido pelo fotógrafo e foi avaliado por ele como digno de ser registrado, atuando, desse modo, como um documento histórico da vida privada e pública, dos cidadãos.” (CRUZ, 2006; p 06)

Desta maneira, o fotógrafo transforma o invisível em visível aos olhos dos indivíduos, através de trabalhos singulares congelados por milésimos de segundos, por sua câmera, técnica e preparação teórica. Ele transforma a imagem fotográfica em vários conceitos e paradigmas que foram construídos no decorrer da história,

fato este que não seleciona e não exclui, pois está além do mundo “letrado”; a imagem fotográfica está acessível e à disposição do sujeito.

Assim, tanto para Salgado quanto para Cruz, a fotografia é um “símbolo”. Sendo conceituada como tal ela não exclui nem discrimina. Através dela o sujeito se comunica, expressa suas emoções e pensamentos fora dos muros acadêmicos. Desta maneira, percebe-se:

“(…) o fotógrafo como também um criador de linguagem. Se essa interação não ocorre, para o leitor esse fotógrafo é apenas alguém que dispara, numa ação impensada, o clique e reproduz literalmente qualquer objeto. E sabe-se que produzir uma foto não é apenas o clicar do botão da máquina fotográfica, mas é o resultado de um processo que envolve produção, direção e materialidade.” (CRUZ 2006. p 20)

Segundo Burke (2004, p. 24):

“(…) seria imprudente atribuir a esses artistas fotógrafos um ‘olhar inocente’ no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo. Tanto literalmente quanto metaforicamente, esses esboços [...] registram ‘um ponto de vista’.” (BURKE, p. 24. 2004)

Assim o diálogo entre História e Arte pode demonstrar que o registro visual de hábitos de vida do ser humano é uma das melhores maneiras de levantar informações sobre seus costumes e condições de vida em uma determinada época, uma vez que o que é visto sensibiliza de uma forma diferente do que fazem as palavras. A união de imagem e palavra pode possibilitar melhor apreensão do conhecimento, além de colaborar na formação de cidadãos conscientes e ativos nos processos sociais em que estão inseridos.

2. A OBRA DE SEBASTIÃO SALGADO.

Para alcançarmos nos educandos os potenciais levantados no capítulo anterior, utilizamos o trabalho do fotógrafo mineiro Sebastião Salgado, nascido em 1944 na cidade de Aimorés. Formado em Economia, descobriu a fotografia na França durante a realização de seu doutorado e, desde então, vem realizando diversos trabalhos que são expostos e comentados pela crítica em diversas regiões do mundo.

Sebastião Salgado é conhecido por sua maneira de registrar em imagens a realidade social de várias regiões do mundo, influenciado pela técnica do “momento decisivo” do fotógrafo francês Cartier-Bresson. Segundo Martins, o momento decisivo de Cartier-Bresson pode ser entendido como:

“(...) uma expressão de uma visão pessoal, é aquele da liturgia de transposição banal da vida para o monumental da fotografia. Suas fotos concretizam o imaginado, o recorte imaginário que retira da banalidade a imagem de sua arte registra a sua beleza. Nela, a surpresa do único no transcorrer dos muitos e repetitivos atos sem sentido aparente que fazem a cotidianidade, a dimensão oculta da vida de todo dia. Ao escolher o cenário banal de um flagrante, Cartier-Bresson faz da rua o estúdio de sua criação. Em sua fotografia, a inspiração da arte pode estar em qualquer lugar porque não é um congelamento de imagem, e sim uma criação do espírito.” (MARTINS, 2008)

A técnica consiste em “fotos diretas”, onde o fotógrafo tenta transmitir a situação vivenciada. Salgado espera que as pessoas que entrem em suas exposições não sejam mais as mesmas ao sair. Desta maneira o artista busca o choque do leitor de sua obra, a informação e a comunicação com a mesma. Para Martins, o momento decisivo de Salgado pode ser entendido como algo “(...) mais teatral do que pictórico. São o cálculo, a certeza, e não o casual, que propõe as bases de criação da fotografia. Mas uma certeza imaginativa e uma certeza documental. É mais uma busca que uma constatação.” (MARTINS, 2008)

Revelar por meio artístico as mazelas humanas é ao mesmo tempo fazer arte e política. Assim, a série “Trabalhadores na Serra Pelada (Pará), foi realizada num período em que o Brasil passava pelo processo de democratização e as pessoas se aglomeravam na serra para garimpar o ouro. O ouro retirado da serra estava sob supervisão do governo, ou seja, as pessoas que ali trabalhavam em péssimas condições pouco tinham retorno de seu trabalho.

O registro feito por Salgado na Serra Pelada é um importante instrumento de pesquisa. É assim o modo como ele gosta de tratar sua Arte: como documentos em nome de um compromisso com a atualidade. Seu trabalho possibilita nos aproximarmos da realidade social brasileira da década de 1980 e refletirmos sobre os motivos que levaram pessoas a se submeterem a condições de trabalho tão desumanas.

Trata-se do retrato de um Brasil que, durante um longo período de ditadura, enfrentava em seu processo de democratização, altos índices de inflação, uma grande dívida externa, má distribuição de renda e alto índice de desemprego. O mesmo nos leva a refletir e analisar a atualidade e o passado, suas permanências e rupturas.

O trabalho de Salgado com a ausência de cores na estética nos leva a analisar toda a obra de maneira a não destacar partes, mas o conjunto. A técnica utilizada na série “Trabalhadores” onde não se registra rostos, mas apenas as costas com pesos formando uma espécie de pirâmide humana, nos desperta para um país sem rosto, sem identidade, com grandes desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais.

As fotografias registradas algumas vezes de baixo para cima nos remetem àqueles que estão nas camadas mais baixas da sociedade, mas que mantêm a riqueza dos detentores do poder; assim podemos dizer que é uma obra com contexto político, uma crítica ao sistema.

“O autor da foto deseja que aquele que a observa concentre-se na situação em si, e não em um ou mais elementos da mesma, o que interessa é o contexto, o impacto do momento retratado. (...) a ausência de cor enfatiza o drama da situação retratada, a dor e o desespero. É como se o mundo perdesse a cor, a vida, a alegria, já que Salgado utiliza sua fotografia como ferramenta de denúncia da pobreza, violência, guerra e fome em regiões miseráveis do mundo.”
(MURITIBS, 2006, p. 2)

Na percepção de SOUZA (2001:11), “a cor, o detalhe, o ângulo da câmera, um elemento da paisagem, luz e sombra, etc.(...) não só trabalham a textualidade da imagem, como instauram a produção de outros textos, todos não-verbais.”

2.1 A PRÁTICA DE ENSINO

Diante das perspectivas apresentadas acima, a fotografia da Serra Pelada foi utilizada em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental da rede pública do Estado de Minas Gerais, durante a disciplina de História com o conteúdo ‘Democratização do Brasil’. Nesta turma temos em média entre 30 a 35 educandos, que em geral não possuem acesso ao estilo de Arte trabalhada neste projeto.

Solicitei aos educandos que analisassem as fotografias, em anexo, sem especificar o período em que foram retiradas. Os principais relatos sobre as primeiras impressões foram sobre escravidão, violência, condições de trabalho,

expressão de cansaço nos rostos dos trabalhadores, quantidade de trabalhadores e profundidade das escavações na serra.

Quando questionei o que poderia estar sendo carregado pelos homens da foto, a grande maioria disse ser ouro. Muitos justificaram se tratar de um passado muito distante por serem fotos em preto e branco. A análise dos educandos sobre a Arte pode agregar à imagem a subjetividade de seu olhar, captando-a de acordo com sua experiência de vida. A foto é o objeto mais concreto para conservar a memória e o sentido que se encerram nela própria.

Após a análise dos educandos, apresentei o artista Sebastião Salgado e expliquei a matéria a partir das fotografias dele, demonstrando que parte da leitura inicial feita por eles estava dialogando com a obra do artista. Os educandos se interessaram quando foi relatado que o trabalho era contemporâneo e as fotos em preto e branco têm uma finalidade para este artista, que assim optou em desenvolver seu trabalho. Outro ponto positivo na reação dos educandos foi o fato de Salgado ser um artista mineiro reconhecido mundialmente.

Logo depois desta discussão do período de contextualização do Brasil a caminho da democratização, a turma foi dividida em cinco grupos para realizar sua própria série fotográfica. O objetivo central do trabalho era levar os educandos a observar o espaço em que estão inseridos, se colocando no papel de fotógrafos. Assumindo este papel os educandos deveriam registrar a comunidade em que estão inseridos, demonstrando através da Arte fotográfica o país democratizado e a crítica social de seu meio. Como estamos tratando de um aglomerado, foi solicitado que não fossem retratados os rostos das pessoas, pelo motivo de evitar a exposição de quem não gostaria de ser identificado e por ter de pedir autorização no uso da imagem.

Utilizando como máquinas seus próprios celulares, os educandos saíram pela comunidade para realizar seus registros. Eles foram orientados a fazer um trabalho crítico, onde fossem retratadas as dificuldades do bairro onde moram, situações e conflitos antes não retratados ou pelo menos não vistos pelos moradores. Trata-se de denunciar o cotidiano em busca de ações mais conscientes e respeitadas no meio em que eles estão inseridos. A série produzida por eles se encontra no material abaixo:







O bairro foi dividido em cinco partes e cada grupo ficou com uma região onde deveriam realizar a tarefa fora do horário da aula. Para facilitar o trabalho que tínhamos em mente, foram discutidas com os alunos algumas técnicas básicas de fotografia, como por exemplo, a importância da luz, a posição do fotógrafo, a resolução das máquinas, entre outras. Tais discussões também buscaram analisar as diferenças entre estas fotografias e as que os educandos têm costume de produzir para postar nas redes sociais, demonstrando as diferentes finalidades entre elas.

O grupo realizou uma pré-seleção das fotografias que deveriam ser exibidas aos colegas de sala numa apresentação que ocorreu na semana seguinte. As fotografias foram passadas no Power Point onde todos pudessem ver e discutir as questões políticas e artísticas que envolviam as fotografias. Como fruto destas

discussões foram selecionadas quatro fotografias para serem expostas, em tamanho maior, na feira de cultura da escola, dentro da sala de aula da turma.

A feira de cultura da escola foi aberta a toda comunidade. Na sala onde estavam as fotografias as pessoas puderam analisar, perguntar, tirar suas próprias conclusões, deixar recadinhos para os artistas e votar na melhor fotografia que representava seu bairro ou local de trabalho.

O grupo vencedor pela melhor fotografia foi premiado com uma cesta de doces pela direção da escola e com a conclusão do trabalho, foi produzido um livro com todas as fotografias retiradas, numa perspectiva de registro histórico através de um fazer artístico.

3. EDUCAÇÃO PELA ARTE: UMA POSSIBILIDADE DE AUXÍLIO NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA.

Atualmente sabemos das dificuldades de se trabalhar na área da educação, por diferentes motivos: a violência, a desvalorização e a falta de materialidade talvez sejam os principais a levarem muitos profissionais a desistirem da profissão ou trabalharem desmotivados.

Superar tais dificuldades se torna um desafio diário ao educador que, mesmo diante das dificuldades, acredita em seu papel e função não somente com a escola, mas com a sociedade, pois trabalha e tenta estimular os educandos a serem cidadãos críticos, assim como prevê o conceito da palavra, aplicando no meio em que vivem.

Poder participar do curso 'Ensino em Artes Visuais' me fez repensar nas práticas dentro da sala de aula. A vontade de conciliar as duas disciplinas foi muito forte e tive vontade que meus educandos pudessem colocar em prática a Arte juntamente com a História. Não mais separando as matérias, mas ligando-as cada vez mais num diálogo constante e permanente.

Quando iniciei meus pensamentos e investigações com relação às duas disciplinas já tinha em mente o trabalho com fotografia, por ser um recurso muito utilizado informalmente pelos educandos (via redes sociais), mas sem a conotação de Arte. Pela falta de materialidade a fotografia não seria algo de difícil realização, já que a maioria dos celulares possui câmera. Além do mais, a fotografia é entendida por FERRAZ (2010) como, "uma das bases de entendimento da sociedade construída no século XX."

Quanto à qualidade queríamos as melhores fotografias possíveis, mas essa não era nossa prioridade. Nossa intenção era trabalhar com que o tínhamos, demonstrando aos educandos que o ato de fotografar como Arte Política ou Arte Crítica, pode ser feito por todos nós. O mesmo celular utilizado para produzir fotos que alimentam redes sociais pode ser utilizado como ferramenta para enxergar o mundo de outras maneiras.

Foi através da fotografia que o trabalho de Salgado veio ilustrar, dialogar e acrescentar a este projeto. Trata-se de um fotógrafo contemporâneo, conhecido mundialmente por seu trabalho e por sua vontade de denunciar através da fotografia as mazelas que o mundo globalizado enfrenta.

Dentre suas obras, a série “Trabalhadores” (1996), me chamou muita atenção pela qualidade do trabalho e por estar inserida num período tão difícil para sociedade brasileira. Era um momento em que muitos tinham o sonho de uma democracia que poderia resolver os problemas sociais, mas o que se encontra em suas fotos indicam justamente o contrário. Ao trazer o educando para fazer esse tipo de Arte, questionamos se a democracia alcançou os sonhos dos brasileiros, se houve melhorias nas condições sociais, econômicas, culturais e políticas. Ao se depararem com esse questionamento, mesmo não demonstrando domínio total sobre os princípios que envolvem a democracia, os educandos identificaram grandes barreiras e lacunas para se chegar a tais melhorias.

A Arte em muitas ocasiões alcançou o sujeito de maneira que a escrita não conseguiu fazer. Trazer a Arte para dialogar com a História nos permite deixar de sermos docentes presos somente a quadro e giz para ir além, tocar e chocar através da percepção, através da desconstrução do cotidiano, para a formação de outro olhar. Para LEFÈBVRE (1983):

“Em casa com a família, na escola, no trabalho, nos grupos, nos sindicatos, nas pequenas comunidades, na rua, [que] nos mostra uma série de práticas entre os sujeitos participantes. E nos sugere que em cada um desses espaços é possível ver um palco rico em detalhes e de experiências e carregado de sentimentos de vida. Os defensores da cotidianidade têm então outra maneira de ver o mundo. Eles pretendem fazer surgir o extraordinário do ordinário, ‘desenvolver uma maneira não-trivial de ver a trivialidade.’ Porém, não basta apenas olhar mais atentamente as coisas. Mergulhar no cotidiano implica numa mudança de postura necessária a um projeto bem mais ambicioso, que é o de mudar a vida. Só com essa perspectiva podemos aqui falar de redescobrir o cotidiano ou a vida cotidiana.” (p 77).

Pouca conhecida pelos que estão à margem da sociedade, a Arte traz ao aluno novas possibilidades e valorização para sua formação enquanto cidadão. O contato com o meio artístico os transforma para um futuro melhor. Tal educação é percebida por FERRAZ (2010) através de

Educar o nosso modo de ver e observar (como) importante para transformar e ter consciência dada nossa participação no meio ambiente, na realidade cotidiana. (...) ver significa essencialmente conhecer, perceber pela visão, alcançar com a vista os seres, as coisas e as formas do mundo ao redor. (...) observar é olhar, pesquisar, detalhar, está atento de diferentes maneiras às particularidades visuais, relacionando-as entre si. (...) uma educação do ver, do observar, significa desvelar as nuances e características do próprio cotidiano. (p.76)

O projeto teve uma ótima aceitação entre os participantes ativos do processo (alunos) e a comunidade escolar, que muito contribuíram para que ele fosse concluído. Foi positiva a participação de pais e moradores apesar do pouco comparecimento à feira de cultura. Isso devido aos motivos já citados anteriormente, quais sejam, falta de interesse, falta de inserção em atividades culturais, bem como o desconhecimento dos benefícios que tais eventos proporcionam na formação cidadã.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do ensino de Arte no Brasil ser uma realidade efetiva amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) desde 1996, onde “*o ensino de arte é considerado componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural do aluno*” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p. 30), na prática do dia a dia nas escolas e sala de aula ainda esbarramos em lacunas na efetiva implantação da lei.

O fato da disciplina de Arte estar presente em nosso currículo escolar ainda não permite legitimação de seus valores na formação do educando. Tais dificuldades podem ser analisadas sob o olhar da falta de materialidade, problemas de formação do corpo docente, desinteresse do grupo discente e péssima remuneração. Dessa forma as condições de trabalho para a realização de projetos na área da Educação estão precárias, em especial na disciplina de Arte que necessita, além do interesse do educando, condições mínimas para o desenvolvimento do trabalho com qualidade.

O desenvolvimento dos múltiplos aspectos desse projeto, sob a união de duas disciplinas, buscou suas potencialidades para melhor auxiliar na construção de saberes dos educandos.

O uso de práticas simples com meus educandos ajudou na valorização de suas potencialidades e os fez ultrapassar barreiras, uma vez que não encontravam possibilidades de diálogos com a Arte.

Busquei incorporar a Arte em uma disciplina que para muitos é tida como “chata” por tratar do “passado”. Em algumas ocasiões dizer-lhes que a História é construída a cada instante não é entendida nem assimilada. Porém, através da Arte

fotográfica, ocorre a possibilidade de registrar suas histórias, além de perceberem com maior propriedade essa ideia. Quando você não mais entrega ao educando uma folha com um desenho pronto, lhe dizendo quais cores devem ser utilizadas, mas lhe apresenta um contexto e uma possibilidade de abertura no processo de criação, a visão dele sobre a Arte ganha outros rumos.

Desta maneira, o contato com a Arte tanto no curso de pós-graduação como na prática em sala de aula foi de extrema importância na minha formação pessoal e profissional. Tal experiência me possibilitou a revisão em retrospecto das práticas educativas adotadas até o contato inicial com a Arte, uma vez que ensinar se torna muito melhor através do constante diálogo entre ela e a História.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Fabrício. *Arte – Educação: Emoção e Racionalidade*. São Paulo: Annablume, 2006.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política*. (Obras Escolhidas, vol. 1). São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Parâmetros Nacionais Artes*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 1997.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2004.

CIVITA, Victor. *Fotografia: Manual Completo de arte e técnica*. São Paulo: Editora Abril Time Life Books, 1976.

COELHO, Luis Moraes. Especialização em artes visuais. vol.2 In: *Fotografia e tecnologias contemporâneas*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CRUZ. Valdir. *Caminho das Águas*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FERRAZ, Maria Heloísa C. & FUSARI, Maria F. de Rezende. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, A. & HORITA, N. *A redescoberta do ouro: como se formou o mercado moderno de ouro no Brasil*. – São Paulo: ANORO – Associação Nacional de Ouro e Câmbio, 1995.

GINO, Maurício. *Cinema e vídeo*. Curso de especialização em ensino de artes visuais, vol. 2. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

LEFÈBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

MARTINS, José de Souza. Sebastião Salgado: A epifania dos pobres. In: Mammi, Lorenzo e Schwarcz, Lilia (Org.). *8 vezes fotografia*. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

MEUCCI, Nádia Raupp. *Mestres da Fotografia: Henri Cartier-Bresson*. Disponível em:

<http://fotografeumaideia.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1715&Itemid=137> Acesso em: 2013.

MURITIBS, Maiara. *Mini currículo Sebastião Salgado*. Disponível em:

<http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebas> Acesso em: 2013.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>

PINHEIRO, Thais Cristine. *Interdisciplinaridade nos PCN/em CNM&T: Bases epistemológicas e perspectivas metodológicas de alguns conceitos de interdisciplinaridade*.

Disponível em:

<<http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Painel/PNL160.pdf>> Acessado em: 2013.

QUINTO, Maria Cláudia. *Por trás das lentes, uma história: a percepção de fotógrafos sobre as imagens da mídia impressa*.

Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/fotografia.pdf>> Acessado em: 2013.

SALGADO, Sebastião. *Trabalhadores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Terra*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

VICENTE, Carlos Fadon. *Fotografia: a questão da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.

6. ANEXO



Nome: The Serra Pelada Gold Mine

Autor: Sebastião Salgado

Fonte: Trabalhadores (1986)



Nome: Serra Pelada, Mina de Ouro

Autor: Sebastião Salgado, 1989

Fonte:

http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebas



Nome: Briga entre trabalhador e policial militar na mina de Serra Pelada

Autor: Sebastião Salgado, 1986

Fonte:

http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebas



Nome: Série Trabalhadores

Autor: Sebastião Salgado, 1986

Fonte:

http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebas



Nome: Série Trabalhadores

Autor: Sebastião Salgado, 1986

Fonte:

http://www.eca.usp.br/nucleos/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebas



Nome: Caminhos 1

Autora: Taiz Sena

Ano: 2013



Nome: A “vista”

Autora: Andresa Silva

Ano: 2013



Nome: Cidade x aglomerado

Autor: Pedro Neto

Ano: 2013



Nome: Nos muros da educação

Autor: Jéssica Alice

Ano: 2013



Nome: Caminhos 2

Autor: Jean Silva

Ano: 2013



Nome: Caminhos 3

Autor: Isaque Arcanjo

Ano: 2013